



# ENTREVISTA<sup>1</sup>

## YURI POPOFF E TELO BORGES: ENTREVISTAS

*Em março de 2009, foi realizado na cidade de São João del Rei (MG) o Festival Conexão Vivo. Na ocasião, diversos artistas ligados ao Clube da Esquina se apresentaram, seja em apresentações solo ou acompanhando outros artistas. Eu cursava o Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), e minha pesquisa era justamente sobre o Clube da Esquina, o que me levou a entrevistar vários desses músicos. Duas das entrevistas foram publicadas no livro *Dois Lados da Mesma Viagem: a mineiridade e o Clube da Esquina* (Editora Bartlebee, 2013), que traz o texto integral (e reescrito) da minha dissertação. Entretanto, duas entrevistas realizadas nessa ocasião permaneceram inéditas, ambas feitas no Largo São Francisco (São João del Rei) no dia 14/03/2009. A primeira, com o baixista e instrumentista Yuri Popoff, que tocou com grandes artistas da MPB (como Beto Guedes, Nana Caymmi ou Maria Bethânia), e que desde 1995 integra a Orquestra Fantasma – banda de apoio de Toninho Horta. A segunda entrevista foi realizada com o músico Telo Borges, irmão de Lô e Márcio Borges, que tocou em vários discos do Clube da Esquina, e vencedor do Grammy em 2013 com a música “Tristesse” (composição de Telo e de Milton Nascimento, gravada no disco *Pietá*, lançado por Milton em 2002).*

---

<sup>1</sup> Por Rafael Senra Coelho, Professor de Literatura da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). É escritor, autor de quadrinhos, compositor de música popular e trilha sonora para cinema. Email: rararafaels@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9052-5972>



## ENTREVISTA COM YURI POPOFF

**RAFAEL:** *Você acha que o Clube da Esquina contribuiu para a formação de uma identidade mineira?*

**YURI:** A contribuição da música mineira, do Clube da Esquina, eu acho que principalmente vem das linhas melódicas e harmônicas, uma contribuição mais a nível técnico. O que que mudou? Acho que mudou um pouco a concepção de harmonizar, de fazer a linha melódica, das progressões harmônicas, das invenções. A coisa do Milton (Nascimento), do Lô (Borges), do Beto (Guedes), do Toninho (Horta), Tavinho Moura, vieram com algo que não tinha surgido, que não existia no Brasil ainda.

E outra contribuição muito forte que eu acho, foi a fusão: a música mineira não tem uma identidade assim como o samba, nem como o chorinho no Rio de Janeiro; acho que é uma música que parte principalmente da igreja e da religiosidade, e daí ela torna-se profana, quando ela entra com os Beatles e o pop. Nessa fusão da bossa nova com o pop dos Beatles e com a religiosidade de Minas, é que se dá esse produto do Clube da Esquina.

**RAFAEL:** *Você falou da bossa nova... Como você pensa na contribuição do Clube da Esquina em relação a outros movimentos, como a bossa nova, que é um pouco anterior, ou mesmo a tropicália? Como você situaria a contribuição do Clube da Esquina nesse panorama musical brasileiro da segunda metade do século XX?*

**YURI:** Por exemplo, a tropicália foi um movimento muito idealizado em conceitos, eles elaboraram muito a coisa conceitual no transcorrer do movimento. E, naturalmente, o movimento também tinha aquela preocupação de trazer para a música a substituição do ie-ie-ie do Roberto Carlos, uma coisa mais intelectualizada, e de um apelo popular mais forte. Acho que a música mineira não teve muito essa preocupação; não houve uma conceituação forte como teve a tropicália, ela foi simplesmente espontânea. As pessoas faziam músicas, e de repente se depararam com uma coisa incrível que foi criada, e que veio até aquele disco antológico do Clube da Esquina, do Milton.

**RAFAEL:** *O que você entende pela ideia de mineiridade? Quais seus primeiros conceitos, a primeira concepção que te vêm à mente a esse respeito?*



**YURI:** Acho que mineiridade é uma série de culturas, naturalmente desenvolvidas em Minas Gerais, assim como existe a "carioquice", a "baianice", sei lá. A "mineirice" é uma série de ideias que se desenvolvem em Minas, como a ideia muito baseada na religiosidade dos mineiros, a primeira coisa que a gente tem como um pano de fundo aqui; para tudo, há a igreja. E por aí, a gente vê a cultura nos alimentos; no expressar do mineiro, na timidez. E em Minas Gerais também tem aquela coisa, não é só uma "minas". Sem as "Minas" não tem as "Gerais"; essa "Gerais" mais baiana... Eu mesmo sou de Montes Claros, a gente tem um pé na Bahia e um pé em Minas Gerais. Como o pessoal da região de Uberlândia e Uberaba tem um pé em São Paulo e outro em Minas...

Agora, é engraçado que em todos esses lugares tem a mineiridade. Em Montes Claros se vê uma religiosidade muito grande, tem um forte apelo com a coisa da Bahia, mas muito de tudo é mineiro, todo mundo reza muito e vai à missa todos os domingos, comunga, e não deixa morrer esses rituais.

**RAFAEL:** *Como essa ideia de mineiridade influenciou sua obra e sua vida?*

**YURI:** É claro que eu sou um produto de Minas Gerais. Onde eu estiver, por mais que eu não queira, a poeira de Montes Claros está na minha música, não tem jeito. Eu já tentei tirar, mas é onde está a maior riqueza da minha música, onde está o meu pé fincado. Sou eu mesmo quando estou em Minas Gerais e em Montes Claros. Então, por mais que eu tente sair e negar... eu nunca quis negar, mas se em algum momento eu tentei negar, eu sempre me dei mal (risos).

**RAFAEL:** *Para o bem da música, foi em vão...*

**YURI:** Para o bem da música, e para o bem de mim mesmo.

**RAFAEL:** *A integridade da sua música, né?!.*

**YURI:** Sim, porque é lá que eu me expresso verdadeiramente, é em Minas Gerais.

**RAFAEL:** *E como você enxerga Minas Gerais em relação ao resto do Brasil, em termos culturais, não só da música, mas da própria cultura do Estado, da posição do Estado em relação ao país como um todo?*



**YURI:** Eu enxergo Minas como se fosse uma grande fazenda, entende? Somos um bando de caipiras, mas com grande sabedoria.

## **ENTREVISTA COM TELO BORGES**

**RAFAEL:** *Você acha que o Clube da Esquina contribuiu para a formação de uma identidade mineira?*

**TELO:** Eu acredito que sim, pela importância da música mineira, a música da MPB, acho que isso contribuiu sim. Tanto é que tem uma pesquisa que fizeram, sobre qual a música mais popular de Minas, e a que tirou o primeiro lugar foi uma música italiana: "Oh, Minas Gerais" (risos), uma música italiana. E em segundo lugar foi "Para Lennon e McCartney", que os mineiros consideram que a música que mais os identifica como povo de Minas. Acho que isso é a prova maior de que a mineiridade tem a ver com o Clube da Esquina sim. E vice-versa.

**RAFAEL:** *O que te vem à mente quando se fala em mineiridade? O que você pensa, intui, sente...?*

**TELO:** Mineiridade, para mim, tem centro histórico, tem roça, tem pão de queijo, tem gado, tem terra, tem café, tem leite, né... tem essas coisas todas, os valores do mineiro, uma coisa nem tão urbana que se transformou hoje, mas o mineiro mais tradicional era aquela coisa da roça, sabe? Belo Horizonte era considerada uma grande cidade do interior, né, hoje ela é justamente uma roça grande. Acho que mineiridade vem disso, e vem também da questão geográfica, a coisa das montanhas – a gente está cercado das montanhas de Minas.

**RAFAEL:** *Como que essa ideia de mineiridade influenciou sua obra e sua vida?*

**TELO:** Olha, efetivamente eu procuro ouvir de tudo, não só a música mineira... mas acho que a coisa que mais me influenciou na música mineira foi o Milton mesmo – apesar dele ser carioca, criado em Minas. Mas o Milton foi o cara que teve a maior influência no meu trabalho e na minha vida, porque eu cresci do lado do Bituca né, vendo ele fazer música. E no mais, eu não tenho muito registro de outras coisas que eu até sei que tem historicamente, mais coisas da



música mineira além do Clube da Esquina, anterior ao Clube. Para mim, acho que é o Clube da Esquina mesmo a maior influência que eu tenho. Partindo do Milton, e passando pelo Lô (Borges, irmão de Telo), que foi, vamos dizer assim, o cara que me treinou, meu guia, né. O Lô me fazia pegar as músicas...

**RAFAEL:** *Um harmonizador de primeira, né?*

**TELO:** Exatamente. Meu adestrador, me adestrou, praticamente. Criar não, porque eu me criei com muitas outras coisas, vendo os Beatles, por exemplo. Mas o Lô é um cara importante, e o Beto (Guedes), que foi um cara com quem eu toquei doze anos... então, tipo, como que eu não tive influência do Beto Guedes? Muita, também. O próprio Flávio (Venturini), pela coisa do instrumento, de tocar teclado também né...

**RAFAEL:** *E como você enxerga Minas Gerais em relação ao resto do Brasil, em termos culturais, não só da música, mas da própria cultura do Estado, da posição do Estado em relação ao país como um todo?*

**TELO:** Eu acho que Minas é "top", culturalmente, pela questão do Clube da Esquina, pela questão do Skank, tem muitos artistas de primeira grandeza da MPB. Eu não posso dizer para você – e sou suspeito para falar – que Minas é "o melhor Estado" culturalmente, porque eu sou mineiro. Então não vou falar isso. Mas eu digo que Minas não fica devendo nada para os outros Estados culturalmente, nada. Tem o destaque da música mineira como um todo, passando pelo Clube da Esquina, Lô Borges, Milton Nascimento, Beto Guedes, pelo Flávio Henrique, pelo Vander Lee, e tantas outras pessoas.

**RAFAEL:** *Como que você pensa na contribuição do Clube da Esquina em relação a outros movimentos, como, por exemplo, a Tropicália, que é da mesma época, ou a Bossa Nova, que é um pouquinho anterior? Como você pensa que o Clube da Esquina contribuiu para esse panorama musical brasileiro da segunda metade do século XX?*

**TELO:** Contribuição como um movimento, até que não, porque o movimento da Tropicália e da Bossa Nova foram mais caracterizados. Mas como qualidade, e até quantidade... tiveram muitos discos na história do Clube da Esquina, vários discos antológicos, do Milton, do Beto,

do próprio Lô. Acho que teve muita música mesmo. Agora, como um movimento especificamente, acho que a Bossa Nova e a Tropicália tiveram uma postura mais de movimento. O Clube não, foi mais pelas músicas que os caras faziam mesmo, pelos discos que eles gravaram – que é uma grande contribuição, não só pelo valor poético, de harmonia, mas pela diversidade de se ter muita coisa do Clube, muita música.

## **REFERÊNCIAS**

SENRA, Rafael. *Dois lados da mesma viagem: a mineiridade e o Clube da Esquina*. Juiz de Fora: Bartlebee, 2013.